Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, *4*: 209-213, 1994.

ANDERSON, Richard L. *Calliope's Sisters – A Comparative Study of Philosophies of Art.* Prentice Hall, New Jersey, 1990, 320 pp., mapas, ilustrações.

*Vera Penteado Coelho**

Quando um livro fala das melhores realizações artísticas de vários povos, ele se torna sempre numa leitura estimulante. Mas quando, além disso, refere-se a suas mais sublimes aspirações religiosas e éticas, às quais a arte está quase sempre ligada, ele se torna simplesmente encantador. É o caso dessa obra de R. L. Anderson, na qual é feita uma análise do que o autor chama "filosofias da arte" de nove culturas diferentes, comparando-as com a nossa própria, na tentativa de elaborar leis gerais que não se limitem exclusivamente à arte ocidental.

O título do livro refere-se à musa Calíope, filha de Zeus e da deusa Mnemosyne, que era especialmente ligada às artes. Como suas atribuições foram se ampliando mais e mais através dos tempos, o autor refere-se a suas hipotéticas irmãs com as quais suas funções poderiam ser divididas.

Anderson aborda as diferentes estéticas do ponto de vista da antropologia cultural, ou mais especificamente do que os antropólogos americanos convencionaram chamar "etics and emics".

O termo "Etic" refere-se às coisas que têm uma existência possível de ser observada e que podem ser estudadas através de métodos aplicáveis a qualquer população humana. "Emic", em contraposição, refere-se às coisas que existem apenas na mente dos membros de uma cultura, tendo significado apenas no contexto do sistema nativo.

O livro é dividido em duas partes: na primeira são descritos os sistemas estéticos dos San, Esquimós, aborígenes australianos, Sepik da Nova Guiné, Navaho, Yorubá, Aztecas, Índia antiga, Japão e da nossa própria cultura.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Na segunda parte, Anderson trata de problemas relativos ao que ele chama de uma "estética comparativa" procurando encontrar denominadores comuns entre as filosofias da arte de todo o mundo.

Um dos capítulos mais tocantes do livro refere-se aos San, habitantes do deserto de Kalahari. Vivendo da coleta e da caça em um ambiente tão pobre de recursos que torna impossível a agricultura e o pastoralismo, ameaçados e muitas vezes dizimados por vizinhos possuidores de tecnologias mais desenvolvidas, os San sobrevivem graças a uma grande engenhosidade para obter alimentos e a uma coragem notável para lutar contra as dificuldades quase insuperáveis de seu hábitat. Dadas as condições tão adversas de sua vida, seria possível pensar que eles não tivessem nada semelhante ao que se possa considerar arte, não lhes sobrando tempo nem energia para qualquer outra atividade que não fosse diretamente ligada à sobrevivência. Mas verifica-se, entretanto, que eles se dedicam com enorme afinco ao embelezamento do corpo, à música e à fabricação de instrumentos musicais. A presença de atividades em torno da obtenção de beleza entre os San, o tempo, o trabalho e a atenção dedicados a elas demostram que a arte é uma necessidade fundamental da cultura humana e que pode ser encontrada mesmo entre povos entre os quais poderíamos imaginar que só a sobrevivência pudesse ser fundamental.

Entre os Esquimós, a arte está presente na vida de todos os dias em artefatos tais como caixas para guardar lâminas de arpão, roupas e brinquedos de crianças. Entre eles, a arte é considerada como uma das razões que torna a vida possível. Muitas vezes os homens fabricam objetos para seu uso pessoal, mas, frequentemente, são feitas esculturas unicamente pelo prazer de esculpir, ou pelo prazer de dar às crianças brinquedos bonitos e engenhosos, mesmo que para isso tenham que percorrer grandes distâncias a fim de obter matéria-

prima. Muitas das manifestações artísticas Esquimó são inspiradas por motivos religiosos, além dos de ordem estética. Assim, por exemplo, a tatuagem das mulheres, além de torná-las mais bonitas e atraentes, assegura-lhes a proteção dos espíritos na ocasião do parto e durante o aleitamento, bem como sua sorte na vida *post-mortem* (aquelas cuja tatuagem foi mal feita não têm assegurada a sua felicidade depois de morrerem).

Os Esquimós distinguem três domínios da existência: o mundo sobrenatural, o mundo social da interação diária e o mundo natural dos animais, plantas e objetos inanimados. Como é possível a comunicação entre esses mundos? Há considerável evidência de que a arte desempenha esse papel de "pedra filosofal" que torna possível as transformações (isto é, as passagens) de um mundo para outro. Assim, um elemento frio e sem vida transforma-se em carne humana quente, e os espíritos que vivem dentro dessa carne transcendem sua habitação humana e tocam o elemento divino. No terreno do que se chama em inglês "performing arts" os Esquimós também exercem suas atividades artísticas: o canto, a dança e a narração de mitos, além de serem importantes manisfestações estéticas, ajudam a superar o tédio do confinamento das longas noites de inverno. Muitos jogos, do tipo "cama de gato" também são disputados nessa ocasião. Nessas artes também se pode encontrar idéias ligadas à transcendência: tanto as palavras como as canções estão impregnadas de valores mágicos.

Entre os aborígenes australianos, a arte é vista como algo que ultrapassa a esfera mundana dos sentidos. Possuidores de uma tecnologia muito primitiva, têm, entretanto, uma arte profusa e variada, que se manifesta através de numerosos meios, como a decoração do corpo humano, as esculturas em areia, os zunidores, os objetos chamados "tjurungas", as pinturas em entrecasca, em rochas, a música e a dança. Eles acreditam que em um passado mítico a que chamam "Tempo dos Sonhos" os espíritos trouxeram à existência uma abundância primordial de plantas, vida animal, seres humanos e muitas instituições como ritual, canções e princípios de descendência. Através da arte, eles esperam perpetuar a ordem natural de todas as coisas, tais como foram criadas no Tempo dos Sonhos. As obras de arte têm o poder de influenciar os espíritos, e visto que a existência humana em última instância depende da arte, não é de se surpreender que entre os nativos da Austrália, ela seja produzida em grandes quantidades e com considerável sofisticação.

Através dela, os australianos podem também unir-se aos espíritos: através da dança e do ritual os participantes podem incorporá-los. Por meio dela, o indivíduo experimenta uma poderosa identidade com o mundo espiritual.

Através da arte, os homens Sepik da Nova Guiné expressam sua masculinidade e seu domínio sobre os adversários, sejam eles as mulheres (na sociedade Sepik há uma nítida oposição entre os papéis masculino e feminino, com um forte domínio dos homens sobre as mulheres), sejam eles os inimigos de outras aldeias. A arte é uma reafirmação constante e frequente do poder e da agressividade masculinos. Embora os temas de agressão masculina dominem a estética Sepik, os temas femininos também estão presentes. Anderson vê este fato como uma evidência da inimitável capacidade da arte para expressar idéias que, para a mentalidade racional, são contraditórias.

A estética Navaho proporciona uma oportunidade incomum para verificar o poder da arte. Entre suas manifestações artísticas mais importantes estão as pinturas na areia e a música, que são executadas quando alguém adoece e se torna necessário realizar rituais de cura. E é justamente nessas cerimônias que a estética Navaho se manifesta em sua forma mais elevada. O mito de origem fala de um estado inicial de beleza, harmonia e felicidade. A doença significa uma quebra dessas condições ideais. Para eliminá-la, é necessário recriar a situação inicial através da arte. Não há uma atividade artística gratuita, mas nem por isso a arte deve ser vista como uma atuação com fins exclusivamente práticos — ela cura, e nisso ela é eficiente, mas sua principal função é restabelecer o equilíbrio da era primordial.

O capítulo sobre os Yorubá reveste-se de especial interesse para o antropólogo brasileiro, em vista das ligações desse povo com as religiões de nosso país. Além disso, mostra a importância da crítica de arte, capítulo ainda pouco estudado no que se refere à estética de povos primitivos.

Os Yorubá são possuidores de um sistema estético com regras bem explícitas (o que leva à formulação de um criticismo muito preciso) e têm, além disso, críticos de arte que quase chegam à especialização. Os estudos sobre esse tópico (a respeito dos quais Anderson fornece uma

bibliografia concisa, mas muito inspiradora) deveriam influenciar estudos similares entre outros povos, bem como os livros que abordam a etnoestética dentro de um contexto mais geral.

Entre os Aztecas, a arte é designada pelo conceito "flor e canção" — o que inclui poesia, símbolo, metáfora, e tudo o que tiver beleza significativa. Alguns trechos de poesias citados mostram uma incomparável delicadeza, aliada a uma preocupação de produzir pensamentos e obras duráveis, capazes de atravessar mais de uma geração:

"Elas não acabarão, minhas flores,
Elas não cessarão, minhas canções...
Mesmo quando as flores murcham e
ficam amarelas
Elas mesmo assim serão carregadas
para o interior da casa
do pássaro de plumas douradas"
"Será que eu deverei partir como as flores
que perecem?
Será que nada da minha fama permanecerá
na terra?
Ao menos cantos, ao menos flores."

Como a arte se origina nos deuses, ela deve durar para sempre. Mesmo depois da passagem do tempo, que ocasiona a desintegração dos objetos materiais, o *conceito* de arte é verdadeiro e imaterial. A pessoa genuinamente comprometida com a arte fica alheia à passagem do tempo e às vicissitudes do mundo, condição essa que é próxima da própria imortalidade. O verdadeiro artista é uma pessoa de exceção: ele é "aquele que dialoga com seu próprio coração", aquele que recebe uma revelação mística da verdade sagrada. A beleza revelada nessa estética não deixa de ser intrigante: a sociedade Azteca foi uma das mais violentas conhecidas no mundo. A idéia de que a arte reflete, de alguma maneira, a cultura do povo que a produz não se aplica a este caso e incita a uma reflexão aprofundada sobre as relações entre o artista e seu meio social.

Na Índia antiga, arte e religião estão ligadas por elos inseparáveis, mas não deixa de lado o gozo das coisas terrenas. A arte é uma causa de prazer para os homens e ao mesmo tempo ela os ensina a tornarem-se melhores do que são. Essa melhoria não se refere puramente à esfera espiritual, mas implica também a busca dos "purusarthas", ou os quatro objetivos adequados da vida, que incluem a retidão, a emancipação espiritual, a aquisição da prosperidade material e o desfrutar dos prazeres mundanos refinados, entre os quais está a arte. Se o hinduísmo tem um lado ascético que nega o mundo, tem também um outro lado sensual que afirma a vida. Entre as manifestações de arte, a poesia é considerada como a mais elevada; para compreendê-la não é necessário usá-la conscientemente; ela não deve ser estudada laboriosamente, mas compreendida através da intuição. Quando uma pessoa limpa sua mente de tudo o que possa pertubá-la e fica totalmente imersa na obra de arte, as emoções inatas transformam-se em respostas afetivas elevadas, que estão associadas com a estética. A arte pode transportar-nos para longe, levar nossos espíritos para além dos aborrecidos encargos de todos os dias e das ansiedades que permeiam nossas vidas. Embora a arte comece com sentidos, ela fornece um meio para transcender o mundo sensorial que nos rodeia, escapando para um estado de prazer superior, melhoramento pessoal e, por último, bem-aventurança espiritual.

Não é exagero afirmar que a arte é a própria essência da vida japonesa. Em comparação com outras culturas, a estética foi considerada como a expressão única da espiritualidade no Japão, da mesma maneira que a ética na China, a religião na Índia, e possivelmente a razão no Ocidente. Uma das principais correntes religiosas do Japão, o Shintoísmo, tem como conceitos fundamentais a mudança e a pureza. Se a arte deve retratar as coisas verdadeiramente significantes, então ela deve ser uma representação fiel da natureza em toda sua mobilidade. Os adeptos do Shintoísmo dão grande atenção à limpeza tanto de seus próprios corpos como casas e templos. Limpeza tem aqui um valor prático e ao mesmo tempo simbólico. Há entre eles uma equivalência entre beleza, pureza e bondade, que tem implicações para o sistema estético japonês. A arte deve refletir uma realidade palpável e não as fantasias individuais do artista. É a arte que torna a vida possível e é a vida que torna a arte possível. Outra importante corrente religiosa japonesa é representada pelo Budismo, no qual uma das manifestações estéticas mais significativas é o desenho das Mandalas. Estas surgiram como um meio de fazer entender, através da arte, e segundo regula-

mentação estrita, o sentido das escrituras esotéricas. Entre as muitas ramificações do Budismo, surge, no século X, uma de caráter mais popular, que se contrapõe às outras manifestações religiosas mais aristocráticas e elitistas: o Budismo Amida, que teve importantes conotações para a arte. A grande difusão do Budismo fazia com que as escritas tradicionais no idioma chinês fossem incompreensíveis para muitos de seus adeptos. Foi então que Genshin teve a iniciativa de pintar cenas do inferno e paraíso cujo realismo fazia desmaiar as damas da corte. Outra importante manifestação budista é o Zen, com implicações fundamentais para a arte e a estética. A abordagem artística feita pelo Budismo Zen levou à realização de pinturas, à arte do arqueiro, dos arranjos de flores, da cerimônia do chá e do teatro Nô. As crenças Zen forneceram uma teoria metafísica sobre a produção da arte: total focalização na concentração, cultivo da iluminação inspirada e uma rigorosa disciplina mental, capazes de demolir as aparentes fronteiras entre o eu e o universo da beleza perfeita - tudo isso leva a uma união entre a arte e a realidade. Considera-se que os valores principais dessa arte são: perecibilidade, irregularidade e simplicidade. Os japoneses dão especial ênfase ao caráter efêmero das coisas da vida; daí seu gosto pelas flores de cerejeira — elas duram pouco. A arte japonesa evita ainda os objetos simétricos, tendo acentuada preferência pela irregularidade tal como se apresenta nos jardins compostos de pedras e areia. Procura evitar o excesso de ornamentos nos objetos, substituindo-os por uma austera simplicidade. É uma arte de sugestão, de intuição, tal como se pode ver através de sua requintada poesia. A pureza e a limpeza rituais tomam forma no despojamento de suas formas artísticas.

Anderson examina a estética ocidental resumindo-a à luz de quatro teorias:

- mimética — focaliza a relação de imitação entre a arte e o mundo sensível.
- pragmática — enfatiza a capacidade funcional ou instrumental da arte; exemplos de arte religiosa ou política podem enquadrar-se nessa teoria;
- emocionalista — coloca ênfase nos sentimentos do artista;
- formatista — considera a arte como uma manifestação única de formas significantes.

Através da imensa diversidade, das manifestações artísticas, Anderson enuncia algumas idéias gerais aplicáveis aos casos estudados: por toda parte a arte é executada em um estilo e um meio característicos de seu lugar e da época de sua origem; a arte em geral produz um impacto nos sentimentos daqueles que a experimentam; a arte é tipicamente executada com habilidade excepcional.

O estilo é o meio através do qual o significado da arte é transmitido. Através do livro, Anderson nos faz viajar por uma grande variedade de meios, desde aqueles que nossa cultura considera tradiconais até outros que sequer entram no rol de nossas preocupações estéticas: a degustação do chá, a aspiração de perfumes, a pintura em areia.

Também é analisado o meio social no qual a arte se realiza. As forças positivas e negativas (e muitas vezes destrutivas) dos encontros entre diferentes sistemas artísticos são vistos através de exemplos especialmente interessantes para antropólogos que estudam situações de contato.

A habilidade dos artistas pode ser verificada em vários níveis, com destaque para povos como o Azteca, no qual o artista é visto como um ser ilumidado, cujos poderes ultrapassam os dos simples mortais.

Uma parte importante do livro é a que compara os papéis que a arte representa nas culturas não-ocidentais e na nossa: em outros povos, a arte desempenha um papel primordial como formadora de uma visão do mundo; entre os ocidentais "deixa-se pouco a arte teorizar, com exceção da própria arte". Na verdade, arte e pensamento estético ocupam na nossa cultura uma posição isolada de outras esferas de atividade, ao contrário do que ocorre com estéticas de outros povos analisados, nos quais a arte está indissoluvelmente ligada a outras esferas do saber.

Sendo que a arte é vista como uma das mais nobres produções humanas, daí decorre uma análise das íntimas relações que ela entretém com outros valores, como os de ordem moral, os que se relacionam com a verdade, com a beleza, a religião e com o sobrenatural.

Esses valores, como a arte, são sem dúvida universais. Mas, até que ponto eles são expressos ou admitidos explicitamente nas diferentes estéticas analisadas? Em outras palavras, será que mesmo sendo universais, podem ser universal-

mente admitidos? Ou será que as estéticas de diferentes povos incorporam-nos de maneira diversa?

Examinados vários casos, e esboçada uma tentativa de leis gerais, podemos fazer de maneira mais lúcida uma reflexão sobre a estética de nossa própria cultura, o que temos nós de específico e o que compartilhamos com outros povos em matéria de idéias estéticas.

E mais, o que podemos aprender com eles? Uma das realizações notáveis da arte de nosso século é sua capacidade de absorver idéias de outros povos. Se as entendermos bem, elas poderão ser incorporadas a nossa cultura como contribuições notáveis e dignas de interesse, e não apenas como simples exotismos. É por acrescentar algo ao estabelecimento desse diálogo que reside, a meu ver, a grande realização do livro de Anderson.

Recebido para publicação em 9 de outubro de 1994.